

Descolonizando olhares: uma experiência no Grupo de Inovação Social – GIS

Decolonizing looks: an experience in the Social Innovation Group – GIS

Claudimar Paes de Almeida¹
Andressa Viana da Silva²

Resumo: Este artigo traz uma reflexão sobre a experiência vivenciada no Grupo de Inovação Social (GIS), sob a luz de teorias pós-coloniais. Trata-se de rodas de conversa propostas com o intuito de discutir a temática do racismo, norteadas por estudos de autores como Frantz Fanon, Walter Dignolo, entre outros. O texto tem como objetivo refletir que é possível, por meio da apropriação do conhecimento, descolonizar, formar e construir ideias novas sobre concepções acerca do racismo. Leva-se em consideração que o homem vive em sociedade, sendo capaz de modificar os seus hábitos e criar significados, bem como ideias em grupo. Tomamos como foco da discussão o exemplo vivido pela experiência “Roda de Conversa” em vista do objetivo proposto. A metodologia utilizada foi pautada numa pesquisa bibliográfica e descritiva, haja vista a observação, análise e interpretação da ação realizada. Evidenciou-se que a ação contribuiu de forma significativa nas reflexões acerca da descolonização dos olhares dos alunos por meio do conhecimento proporcionado.

Palavras-chave: Descolonizar; Roda de conversa; Experiência; Racismo.

Abstract: This article reflects on the experience of the Social Innovation Group (GIS), in the light of post-colonial theories. These are conversation circles proposed in order to discuss the theme of racism, guided by studies by authors such as Frantz Fanon, Walter Dignolo, among others. The text aims to reflect that it is possible, through the appropriation of knowledge, to decolonize, form and construct new ideas about conceptions about racism. It is taken into account that man lives in society, being able to modify his habits and create meanings, as well as group ideas. We took as focus of discussion the example lived by the “Roda de Conversa” experience in view of the proposed objective. The methodology used was based on a bibliographic and descriptive research, in view of the observation, analysis and interpretation of the action taken. It was evident that the action contributed significantly to the reflections about the decolonization of the students' eyes through the knowledge provided.

Keywords: Decolonize; Conversation wheel; Experience; Racism.

Introdução

Ninguém nasce a odiar outra pessoa devido à cor da sua pele, ao seu passado ou religião. As pessoas aprendem a odiar, e, se o podem fazer, também podem ser ensinadas a amar, porque o amor é mais natural no coração humano do que o seu oposto
(NELSON MANDELA).

Este artigo parte da inquietação surgida a partir da experiência de rodas de conversa no Grupo de Inovação Social (GIS). A proposta foi refletir sobre a questão

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Revisor de texto do Instituto Federal de Rondônia — IFRO, *Campus* Porto Velho Zona Norte.

E-mail: claudimarpaes@hotmail.com.

² Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

E-mail: andressavianadasilva33@gmail.com

observada e levantada, focando na relação do racismo com o pós-colonial e a ação descolonizadora, com o intuito de descolonizar olhares por meio do conhecimento. Ou seja, o conhecimento é valorizado nesse contexto como compreensão do mundo e como fundamentação da ação.

A necessidade de aduzir a respeito dessa ação está atrelada à própria essência de se transformarem as ideias advindas do colonialismo. Nesse caso, o tema central é o racismo. As rodas de conversa ofertadas atingiram grupo de crianças, adolescentes e jovens da comunidade Ulisses Guimarães, na cidade de Porto Velho-RO. Sendo esses diretamente influenciados pelo contexto, entende-se que a discussão acerca do assunto foi de fundamental importância. De certa forma, mostrar que é possível desatar as amarras, postas há anos no período em que se permitia escravizar pessoas (FANON, 2008).

Dessa forma, a primeira parte da pesquisa se propõe a pensar sobre o racismo e o preto, na busca de entender melhor como o colonialismo influenciou e influencia nesse processo. Em seguida, uma reflexão sobre o descolonizar, no intuito de compreender a viabilidade de um caminho possível por meio do conhecimento para a descolonização. Para esses dois tópicos, utilizamos teóricos pós-coloniais que abordam a respeito do assunto, entre eles Frantz Fanon e Walter D. Mignolo.

Posteriormente, esclarecemos o que é o Grupo de Inovação Social (GIS), instituição responsável pela experiência em questão. Por último, falaremos das rodas de conversa que descolonizaram olhares. Vale lembrar que se trata de uma reflexão a respeito da ação. Nosso objetivo com esse trabalho resulta em refletir que é possível, por meio da apropriação do conhecimento, descolonizar, formar e construir ideias novas sobre concepções acerca do racismo.

O racismo e o preto

O preconceito de cor é a raiva irracional de uma pessoa para com outra, o desprezo dos povos ricos e fortes por aqueles que eles consideram menores, inferiores, bem como um amargo ressentimento que ecoa naqueles que foram oprimidos e frequentemente rechaçados. Sendo a cor o sinal mais visível exteriormente de uma pessoa, ela torna-se critério para julgamentos e injúrias. Geral e equivocadamente, o ser humano de pele clara despreza o de pele escura; este, muitas

vezes, recusa-se a continuar aceitando a condição modesta que lhe pretende impor (FANON, 2008).

Pela cor da pele se determinava quem seria o subalterno. Por esse motivo, até hoje muitos indivíduos sofrem com esse ato de colonização. Mesmo posteriormente, após a abolição da escravatura, ainda temos marcas profundas na sociedade contemporânea. Afinal,

O que é que vocês esperavam quando tiraram a mordaca que fechava essas bocas pretas? Que elas entoassem hinos de louvação? Que as cabeças que nossos pais curvaram até o chão pela força, quando se erguesse, revelassem adoração nos olhos? (SARTRE, 2015, p. 43).

Diante disso, temos uma sociedade em que “para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (FANON, 2008, p. 28). Percebemos assim, uma dupla situação que resulta do colonialismo, aqueles que se sentem colonizadores e, por conta de fatores econômicos e sociais, acreditam ser superiores a outros por conta da cor de pele. E aos que tentam fugir de sua cor para se enquadrar no que é rotulado, inadequadamente, como mais bonito ou melhor, enquadram-se no chamado “complexo de inferioridade” (FANON, 2008). Entretanto, “o negro que quer embranquecer a pele é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco” (FANON, 2008, p. 30).

Ao pensar na realidade brasileira, ela possui uma triste marca histórica por ter sido o Brasil o último país das Américas a decretar a abolição da escravatura. Apesar de ter sido um momento marcante na época, o processo escravocrata ainda se faz presente na contemporaneidade. O Brasil, país que conviveu mais de três séculos com a escravidão, foi marcado em seu legado histórico com a diáspora da grande população africana que, de forma compulsiva deixou suas terras a caminho das Américas. Segundo Schwarcz (2001, p. 38-39):

Um deslocamento dessa monta acabou alterando cores, costumes e a própria estrutura da sociedade local. A escravidão, em primeiro lugar, enquanto regime que supõe a posse de um homem por outro, legitimou com sua vigência a hierarquia social, naturalizou o arbítrio e inibiu toda discussão sobre a cidadania. Além disso, o trabalho manual acabou ficando limitado exclusivamente aos escravos, e a violência se disseminou nessa sociedade das desigualdades, onde se acreditava, como dizia o provérbio colonial, que os escravos eram os pés e as mãos do Brasil.

Longe de seu lugar de convívio, e considerados ignorantes por não conhecerem a língua e os costumes, eram visualizados como ferramentas de exploração. Considerados coisas e objetos, propriedades dos brancos: “como bem pessoal, o escravo podia ser alugado, leiloado, penhorado e hipotecado, assim como as demais posses de seu proprietário” (SCHWARCZ, 2001, p. 39).

Criou-se na cultura brasileira a visão do poder sobre o negro, alinhada ao racismo, preconceitos e estereótipos. É o discurso colonial válido como estratégia de negação, de apagamento, que de acordo com Bhabha (2013, p. 119) “é uma forma de discurso crucial para a ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural”.

Tal realidade ainda hoje encontra-se arraigada na sociedade brasileira, marcada pela exclusão social e discriminação racial. Por aspectos históricos e sociais os negros fazem parte de um dos grupos que mais sofrem com o preconceito e com as desigualdades sociais. Enfatizam Borges, Medeiros e Adesky (2002, p. 3) a esse respeito:

Os indicadores socioeconômicos revelam, por exemplo, que os afro-brasileiros estão nos níveis mais baixos de pobreza e de escolaridade, enfrentando maiores obstáculos para alcançar posições de prestígio e de comando na sociedade. Essa situação reflete a existência de um racismo difuso, porém efetivo, com repercussões negativas na vida cotidiana da população negra, em particular das crianças e dos adolescentes, que ainda não desenvolveram mecanismos suficientes de análise crítica.

Ligado às questões supracitadas, o preconceito racial se desdobra de forma efetiva nos diversos espaços de convivência social. As atitudes realizadas por parte dos indivíduos integrantes desses espaços muitas vezes ocorrem por falta de conhecimento.

Desse modo, o que se precisa é tirar o branco de sua “brancura” e o preto de sua “pretura”, descolonizar, admitirmos os homens tais como eles são; é necessário desligar-se da dominação, escapar “do horror do berço” (FANON, 2008). Ou seja, entender-se que não existem raças divididas por cores de pele, mas sim, a raça humana que engloba variadas tonalidades em sua pele. Esta que não é mais ou menos inferior, apenas distinta, o que caracteriza a diversidade étnica, a pluralidade, que é essencial e positiva à humanidade.

Portanto, é necessário descolonizar. Esta descolonização deve ser da “mente” e para isso é imprescindível usar como instrumento o conhecimento, só ele pode renovar e impulsionar novas formas de pensar. Assim, de acordo com Mignolo (2010), o conceito de pós-colonialidade está aberto para reconstruções e restituição das histórias veladas; ele afirma que precisamos nos desvincular dos conhecimentos subalternizados e tomar posse das ideias renovadoras que formam superalternos, não subalternos.

O descolonizar

O colonialismo é a imposição de poder de uma cultura sobre outra. Ele pode ocorrer de inúmeras formas, inclusive por meio da força brutal, como é o caso de poderio militar ou por meio da linguagem, da arte. Entretanto, engana-se quem acredita que o colonialismo se encontra no passado. Hoje ele ainda é muito presente na sociedade; aliás, muitos dos nossos problemas sociais são resquícios das colonizações atroztes sofridas no passado (FANON, 2018). Além disso,

As relações colono-colonizado são relações de massa. Ao número o colono opõe sua força. O colono é um exibicionista. Sua preocupação de segurança leva-o a lembrar em alta voz ao colono que “o patrão aqui sou eu”. O colono alimenta a cólera do colonizado e sufoca-a. O colonizado está preso nas malhas apertadas do colonialismo (FANON, 2018, p. 40).

Não bastando apenas a imposição de uma cultura sobre a outra, o colonialismo devasta a cultura dominada; geralmente, tende a querer exterminar, alegando superioridade. Como consequência disso, vive-se em uma realidade carregada de pensamentos e ideias colonizadores, uma sociedade repleta de pessoas que pensam a partir da subalternidade, do domínio, da marginalização, da discriminação.

São preconceitos enraizados devido ao contexto histórico-social vivenciado por um povo, como é o caso dos pretos, que sofreram anos com a escravidão (FANON, 2008). Entretanto, é preciso mudar esse olhar estereotipado, proporcionar à população conhecimentos de forma a não viverem situações de subalternidade e passem a ser superalternos, a fim de tomar consciência e apoderar-se de seus discursos com propriedade, para isso, “[...] é preciso se livrar dos vínculos da racionalidade/modernidade com a colonialidade, em primeiro lugar, e em última

instância com todo o poder não constituído na livre decisão dos povos livres” (QUIJANO, 1992, p. 46).

Consequentemente, para ocorrer esse desprendimento é necessário apossar-se do principal instrumento de discernimento e reflexão, o conhecimento. Sendo ele um instrumento imperial, é uma tarefa urgente a descolonização do conhecimento. Portanto, deve-se considerar a ideia de descolonizar a mente (MIGNOLO, 2010). Neste caminho, precisam-se renovar as formas de pensar e começar-se a enxergar novas possibilidades. Assinala Mignolo (2010, p. 17):

O desprendimento é urgente e requer uma reviravolta epistêmica descolonial (que está em curso em diferentes regiões do planeta), contribuindo com os conhecimentos adquiridos por outras epistemologias, outros princípios de conhecer e compreender, e portanto, outras economias, outras políticas, outras éticas. A "comunicação intercultural" deve ser interpretada como comunicação interepistêmica.

Este conhecimento epistemológico precisa ser renovado, caracterizado pelo processo de emancipação, ocorrendo assim a descolonização. No caso do racismo, é necessário tirar as “correntes” das mãos pretas e enxergar que todos precisam ser respeitados em suas diversidades, ou seja, temos os mesmos direitos, não existe uma cor inferior ou superior à outra.

Diante disso, “o conceito de colonialidade abriu a reconstrução e restituição de histórias silenciadas, subjetividades reprimidas, linguagens e saberes subalternizados pela ideia de Totalidade definida sob o nome de modernidade e racionalidade” (MIGNOLO, 2010, p. 15). Logo, a teoria pós-colonial está aberta para essa reconstrução, pronta para renovar as ideias cristalizadas e dar voz às histórias veladas pelo sofrimento e subordinação.

O Grupo de Inovação Social (GIS)

O GIS, sigla que já ecoa na capital de Porto Velho-RO, é uma instituição de sociedade civil, sem vínculo com religião, partido político e sem fins lucrativos. Foi fundada no dia 17 de maio de 2015 e tem como missão levar informações aos que têm dificuldade de acesso e contribuir para a educação e formação de valores na

comunidade vigente, na busca de ampliar a visão de mundo por meio de ações sociais.

Foi iniciada por um grupo de acadêmicos que pretendia auxiliar na formação e desenvolvimento humano das pessoas do bairro Ulisses Guimarães. A atuação do projeto inicialmente estava focada na juventude da comunidade do bairro, com a ambição de se expandir para outras comunidades, sempre visando envolver o maior número de jovens nas ações, no intuito de afastar esses das ruas, local onde a marginalização é corrente, principalmente no bairro em questão.

Tudo teve início com palestras motivadoras aos finais de semana, na Escola Estadual Jorge Teixeira, oferecidas para os alunos do Ensino Médio. Ao longo do tempo, as propostas foram se aprimorando; com isso, houve um aumento considerável de voluntários envolvidos. Atualmente, o GIS atua na Escola Municipal Pingo de Gente, oferecendo regularmente: esporte (subprojeto *Warriors Team Time*); cursos de capacitação profissional (Subprojeto Capacitar); curso preparatório para o exame nacional do ensino médio (Subprojeto Pré-para-ENEM) e aulas de reforço escolar (Subprojeto SuperAção). Além das ações esporádicas, que ocorrem aleatoriamente, acontecem atividades em datas comemorativas ou outras situações mais específicas, como é o caso das rodas de conversa, experiência selecionada para a reflexão dessa pesquisa.

Como exposto, o projeto é dividido em subprojetos que atuam em diversas áreas, para colaborar com uma formação educacional mais integral, na tentativa de contribuir na formação dos envolvidos para um caminho desviante do crime, em busca ainda, de sensibilizar e alimentar o senso crítico. O projeto é regido por um Estatuto, pautado legalmente nos ditames do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) e no Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013). Contém uma presidência e é organizado em coordenadorias; entre elas temos a jurídica (COJUR), a pedagógica (COPEP) e a de assistência social (COAS), entre outras.

Enfim, o Grupo de Inovação Social atua acreditando que é possível descolonizar por meio do conhecimento. A essência dessa instituição é o olhar sensível para as necessidades sociais, focado em auxiliar na resolução dos problemas gritantes de uma determinada comunidade. A instituição utiliza o espaço público para colocar em prática essa vontade de mudança, pois é primordial pensar a escola como um espaço de descolonização das mentes.

As rodas de conversa que descolonizaram olhares

Sabemos que o processo educacional deve ocorrer a partir da interação, pois, é assim que o ser humano domina os conhecimentos, em contato com outros e o seu entorno (VYGOTSKY, 2007). Para aprender precisamos passar por processos pessoais e sociais, sendo assim, a linguagem no seu papel sócio-histórico é fundamental, bem como, a cultura e a associação da realidade vivida do aluno com o ambiente escolar, principalmente, em mediação com a sala de aula.

Essas relações são essenciais para a formação de indivíduos críticos e aptos a viverem em sociedade, menciona Freire (2011): a educação constitui-se ideológica, porém caracterizada por um processo dialogante, agregada por contatos verdadeiros de comunicação e trocas de aprendizados entre seres constituídos de almas, sentimentos e desejos. Entende-se, nessa pesquisa, o ensino não como transferência de conhecimentos, mas, sim, como mediação, criação de possibilidades para a sua própria produção/construção.

Atualmente o âmbito escolar tem muitos desafios a serem superados; por esse motivo há necessidade de utilizarmos metodologias que melhorem a interação entre professor e aluno. Uma das possibilidades de propor isso é trabalhar com a interdisciplinaridade: ela aproxima o conteúdo ao cotidiano dos alunos, relaciona/conversa com o “mundo” dos discentes. Terradas (2011, p. 96) assinala que “a interdisciplinaridade é uma “exigência” não somente no que tange às atividades escolares, mas também às práticas do dia a dia com as quais frequentemente nos deparamos”.

O GIS, na busca em auxiliar a escola, nesse ponto, ofereceu aos alunos do subprojeto *Warriors Team Time* rodas de conversa com temas variados (Figuras 1, 2, 3 e 4), na tentativa de sensibilizar e encaminhar novos olhares a respeito dos assuntos abordados. Dentre os diversos assuntos que foram abordados nas rodas, a temática racismo estava entrelaçada como elemento motor das discussões.

As rodas foram organizadas pela coordenadoria pedagógica do projeto e foram auxiliadas pelos voluntários. As primeiras conversas foram realizadas no tatame, afinal, é onde eles treinam quatro vezes por semana, no pátio da Escola Pingo de Gente. Em forma de círculo, a proposta era levar a um diálogo livre, mas que fossem

apresentadas durante os momentos informações que enriquecessem os caminhos até o foco temático central.

Figuras 1, 2, 3 e 4: Rodas de conversas com os temas: “Quem sou eu no mundo?” e “Eu e minha família”



Fonte: Elaboração própria.

Tratamos dos temas supracitados com o intuito de refletir a posição dos indivíduos no mundo, o porquê de suas existências, seus objetivos, sonhos, aceitação pessoal de como são, a importância da família e os ensinamentos adquiridos nelas. Foram lançadas diversas perguntas para que os adolescentes respondessem, fazendo um momento de partilha de experiências e visões de mundo. Esse momento foi bastante gratificante e significativo para as discussões posteriores sobre o tema racismo.

Os temas também foram momentos de enfatizar e ajudar os alunos a se aceitarem como são; a perceberem que ser preto, pardo ou branco não é sinônimo de algo negativo, mas da diversidade presente em nossa realidade. Nesse sentido, a literatura foi essencial, visto que por meio dela podemos abordar os mais variados assuntos, dentre esses aqueles voltados para as questões sociais. Segundo Carvalho (2015, p. 6) “a experiência com o texto literário pode não apenas tocar emocionalmente o leitor, como também favorecer um pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas, sociais e ideológicas”.

O livro escolhido para a discussão sobre o tema racismo foi *Menina bonita do laço de fita* (2000), de Ana Maria Machado, que conta a história de um coelho branco

que tinha uma grande admiração por sua amiga preta, a menina do laço de fita no cabelo. Como era de se esperar, a literatura despertou muita inquietação e levantamentos.

As crianças riram muito na hora da contação (Figura 5 e 6), com a narração das cenas inusitadas vividas pelo coelho. Já os alunos maiores desenvolveram um diálogo mais sério, com o levantamento de uma problemática dentro do próprio grupo dos discentes. Foi relatado por um dos alunos que ocorriam com frequência brincadeiras racistas com ele, por parte de seus colegas.

Figuras 5 e 6: Rodas de conversas com a contação de história do livro *Menina bonita do laço de fita*



Fonte: Elaboração própria.

Os colegas acusados, por sua vez, relataram que ele também agredia/revidava com brincadeiras inadequadas. Vemos assim, a ação do jovem preto como um mecanismo de defesa, atacando porque foi atacado. De acordo com Fanon (2008), impor esse gênio mau, de vingança ou retorno defensivo, ao branco e ao negro, é um grave erro de educação. O autor explica que “o preto é um brinquedo nas mãos do branco; então, para romper este círculo infernal, ele explode” (FANON, 2008, p. 178). A situação ocorrida ainda revela que “o colonizado descobre o real e transforma-o no movimento de sua *práxis*, no exercício da violência, em seu projeto de libertação (FANON, 2018, p. 44).

Fanon (2008), por meio da psicanálise, propõe-se a entender o porquê de o preto desenvolver esse mecanismo de defesa, concluindo que “é evidente que esta alienação é a consequência do medo do preto, medo favorecido por circunstâncias determinadas” (FANON, 2008, p. 174). Pois, “os pretos são comparação. Se preocupam constantemente com a autovalorização e com o ideal do ego” (FANON, 2008, p. 176).

Dessa forma, é preciso que o preto se empodere e pare de se comparar com o branco. Torna-se necessário, então, apagarmos todas as vozes colonizadoras que

escravizavam e difundir um pensamento descolonizador. Menciona Fanon (2018, p. 34) que:

O contexto colonial, já o dissemos, caracteriza-se pela dicotomia que inflige ao mundo. A descolonização unifica este mundo, exaltando-lhe por uma decisão radical a heterogeneidade, conglobando-a à base da nação, às vezes da raça.

Ressaltamos, ainda, a evidência clara do complexo de inferioridade na fala do jovem preto, sempre se colocando em uma posição inferior aos demais colegas brancos. Tal evidência é interpretada por Fanon (2008, p. 184):

[...] pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo.

Por esse motivo, é importante usarmos o conhecimento para refletir sobre as diversas ações e atitudes advindas da colonização. A leitura literária, por exemplo, foi um ótimo canal para iniciar a roda de conversa e introduzir o assunto ao tema debatido, racismo, principalmente para as crianças, pois, são poucas as representações pretas nas mídias. Há muito ainda o que mudar para chegarmos à igualdade. Portanto, ao levar uma obra na qual a personagem principal é preta, a menina bonita do laço de fita, valoriza-se e evidencia-se a diversidade, muitas vezes, apagada por um padrão considerado “belo”.

A contação também possibilitou entrarmos na história familiar dos alunos, quando na narrativa é revelado o “segredo” da menina ser tão pretinha e ter aquela cor tão linda, fato com que o coelho se questiona muito ao longo da história. Neste caso, revela-se que é por causa de seus parentes, sua geração anterior, a genética de sua avó preta. Fica claro que somos similares aos nossos antepassados, às pessoas que estão na nossa árvore genealógica. Sendo assim, devemos respeitar essa diversidade.

Entende-se que a literatura na reflexão do tema em questão (racismo) foi essencial. Ela é uma ferramenta contribuidora na transformação do indivíduo, pois não é vazia. Segundo Todorov (2010, p. 76):

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

A conversa contribuiu também para melhorar a relação interpessoal entre o alunado. Afinal, o problema levantado foi discutido e refletido por todos. Percebemos que eles entenderam que precisamos tomar mais cuidado com as brincadeiras, pois, pode não ser a intenção, porém, a forma como colocamos as palavras e agimos pode ofender e causar danos morais e psicológicos. Novamente, evidencia-se a literatura ferramenta reflexiva que “[...] traz em si fatores que enriquecem a nossa percepção e a nossa visão de mundo, na medida em que contém os valores que a sociedade divulga ou suprime” (SILVA, 2009, p. 5).

Depois de todas as rodas de conversas realizadas sobre os temas já citados, marcamos um outro dia para fazermos o fechamento desse processo. Realizamos um *tour* pela cidade, finalizando o momento com a última roda de conversa no gramado ao lado da estrada de ferro Madeira Mamoré (Figura 7). Esse momento foi para partilharmos todos os ensinamentos aprendidos durante as rodas de conversa e o que os alunos conseguiram assimilar durante todas as reflexões e discussões possibilitadas.

Figura 7: Roda de conversa no gramado ao lado da estrada de ferro Madeira Mamoré com os alunos participantes



Fonte: Elaboração própria.

A partir de todas as partilhas, acreditamos que eles conseguiram compreender que as atitudes discriminatórias devem ser evitadas e o respeito deve ser o pilar em todas as relações, até porque se prontificaram a mudar, tomar mais cuidado. É importante, ainda, salientar que os professores (coordenadores e voluntários) que

intermediaram essa roda de conversa foram fundamentais. O posicionamento nos casos, o olhar diferente e a palavra certa foram essenciais para a descolonização dos olhares acerca do tema. Quanto ao perceber as atitudes pautadas no processo de descolonização, comenta Fanon (2018, p. 26):

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos.

Uma experiência que possibilitou uma nova postura diante das situações, a descolonização do olhar sobre o outro. O maior sentido, ainda se constituindo em resultados, foi levar os aprendizes a crerem que, de fato, vivemos em um mundo que não é só branco ou para o branco: habitamos num contexto plural, diversificado e com variadas nuances.

Considerações finais

A descolonização colocaria fim a um processo histórico de implantação de dado tipo de poder (PIZA; PANSARELLI, 2012).

A ação que se efetivou no Bairro Ulisses Guimarães, pelo GIS, proporcionou uma experiência enriquecedora, alimentando o desenvolvimento/construção de pessoas mais conscientes e aptas para viverem em sociedade, provando que é possível descolonizar por meio do conhecimento. Após a abordagem teórica e prática realizada pelo diálogo, avaliamos que a assimilação dos alunos sobre o tema na roda de conversa foi significativa. Foi possível perceber o olhar que tinham acerca do tema e dialogar para despertar questionamentos e reflexões.

Ficou evidente o aprendizado, pois, era nítida, a diferença de perspectiva deles antes e depois da discussão, principalmente, com a intertextualização proposta através do texto literário apresentado, *Menina bonita do laço de fita*. Além de ressaltarmos a importância de pensarmos o racismo de forma descolonial, saindo das amarras coloniais e renovando a epistemologia do conhecimento, ainda foi possível

aludir sobre o quão é essencial a diferença cultural, de classes, de gênero e, principalmente, étnica.

Um dos grandes resultados das rodas foi levar os aprendizes a crerem mais em si, empoderar pensamentos e ideias, ou seja, trabalhar na formação de seres superalternos, utilizando, ainda, o próprio espaço escolar, para enxergar as práticas sociais e, assim, efetivar o ambiente como um lugar de descolonização das mentes.

As questões teóricas, presentes neste trabalho, possibilitaram discussões fundamentais para o processo de descolonização da mente, e de quão é importante discutir o tema do racismo, pois apesar de muitos estudos serem realizados, debates serem feitos, ainda se evidencia uma sociedade impregnada de preconceitos e discriminação em relação a cor. Levar as rodas de conversa para determinado local, onde o racismo, provavelmente, não é ausente, como revelado nas partilhas, foi de extrema relevância, pois contribuiu significativamente para as mudanças de tomadas de atitudes das crianças, adolescentes e jovens do grupo GIS.

Em suma, momentos como esses de reflexões, discussões e partilhas são fundamentais e devem ser proporcionados, pois se mostram como oportunidades ímpares de construção de conhecimentos, de trocas de informações e, principalmente, espaço de acolhimento e escuta. Além disso, como de subsídios que nos levam a pensar e repensar nosso lugar no mundo, neste caso, a literatura.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed.- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; ADESKY, Jacques d'. *Racismo, preconceito e intolerância*. – São Paulo: Atual, 2002.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.
- BRASIL. Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre o direito dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas da juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 20 mai. 2020.
- CARVALHO, Damiana Maria. A importância da leitura literária para o ensino. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 6, n. 1, p.6-21, jan/jun, 2015.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: UFJF, 2018.

- FANON, Frantz. *Pele Negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43ª. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do laço de fita*. Rio de Janeiro: Ática, 2000.
- MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistémica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del signo, 2010.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y modernidad-racionalidad*. 1992. Disponível em: http://www.academia.edu/16714405/QUIJANO_Anibal._Textos_de_Fundaci%C3%B3n. Acesso em: 20 mai. 2020.
- PIZA, Suze de Oliveira; PANSARELLI, Daniel. Sobre a descolonização do conhecimento – a invenção de outras epistemologias. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 43, p. 25-35, 2012.
- SARTRE, Jean Paul. *Prefácio para Anthologie de la poésie nègre et malgache*. – França: Presses Universitaires France, 2015.
- SILVA, Rosana Maria da. O ensino da literatura enquanto elemento de formação do pensamento crítico-reflexivo. *REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM*, v. 2, n. 2, p. 177-192, jul/dez, 2009.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo no Brasil*. – São Paulo: Publifolha, 2001.
- TERRADAS, Rodrigo Donizete. A importância da interdisciplinaridade na educação matemática. *Revista da Faculdade de Educação*, Ano IX nº 16, p. 95-114, 2011.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. 7ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 30/05/2020

Aceito em: 31/08/2020